



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



Horácio Nunes  
*O bem e o mal*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*O bem e o mal*  
**Horácio Nunes**

Atualização ortográfica e projeto gráfico

**Iba Mendes**

---

Publicado originalmente em 1898.

Livro Digital nº 610 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**Horácio Nunes Pires**

**(1855 – 1919)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# O BEM E O MAL

## DRAMA ORIGINAL EM QUATRO ATOS



### PERSONAGENS:

MANOEL (70 anos)  
ANTÔNIO (30 anos)  
PEDRO (24 anos)  
JOSÉ (30 anos)  
ANSELMO (45 anos)  
JOÃO (18 anos)  
MARIA (22 anos)  
OPERÁRIOS  
DOIS SOLDADOS

### ATO I

*Sala pobre — À direita, em uma pequena mesa, o necessário para se escrever. À esquerda uma janela. Ao fundo, porta larga de arcada, dando para uma oficina de marceneiro, onde se veem os operários trabalhando. À direita, duas portas, uma acima e outra abaixo da mesa. À esquerda, abaixo da janela, uma porta. O pano sobe depois de ter principiado o coro, durante o qual, José, sombrio e concentrado, entra pelo fundo e para junto da mesa. — Algumas cadeiras toscas encostadas às paredes. Junto da mesa, uma cadeira. — É dia.*

### CENA I

*JOSÉ (entrando, sombrio e concentrado, pelo fundo, e parando junto da mesa, depois de ter começado o coro seguinte)*

Do trabalho ressalta a alegria,  
o sossego do bom coração,  
a ditosa, feliz harmonia,  
a amizade de irmão para irmão.

Ou hoje, ou nunca!... Ah! já estou cansado de suportar-lhe os desdêns, a indiferença... Prefiro antes o seu ódio... (*Pausa*) Por que não me ama ela? Por quê?... (*Pausa*) O mestre sempre diz que sou vadio, que sou mau. Muitas vezes me tem repreendido diante de todos... e eu não sei o que me tem impedido de obrigá-lo a calar-se... Ah! mas de repente... cuidado!... (*Pausa*) E ela... por que me despreza?... por que se esquiva quando vou falar-lhe?... (*Pausa*) Mas é necessário que isto tenha um fim, e há de ter... Vou pedir-lhe a última palavra. Se essa palavra for de encontro às minhas esperanças... ah! então cuidado comigo!... O mestre diz que sou mau, e eu não quero desmenti-lo!...

## CENA II

*José e Pedro.*

PEDRO (*entrando a cantarolar, pelo fundo*)

Ah! estás aqui?

JOSÉ (*à parte*)

Não sei porque, tenho um ódio de morte a este homem... Nunca me fez mal, e no entretanto odeio-o! (*Alto*) Estou aqui, sim. Por que não havia de estar?

PEDRO

Parece que estás apaixonado, José, ou então meditas alguma coisa má. Foges dos companheiros e do trabalho, para andares pelos cantos, falando só... Estás doente?... Tens emagrecido ultimamente e perdido a cor... Por que não consultas um médico?...

JOSÉ

Estou doente, é verdade; mas a minha doença não é dessas que os médicos curam com quatro tisanas... Mas que te importa que eu fuja dos companheiros e do trabalho?... Por ventura precisam vocês de mim? preciso eu de vocês? Cuide de cada um na sua vida, que não faz tão pouco. Ou queres ser meu conselheiro?...

PEDRO

Não quero ser teu conselheiro, não só porque és mais velho do que eu, como mesmo porque não posso sê-lo. O que quero é evitar que o mestre te repreenda outra vez, porque, embora não me mostres muita amizade, eu sou teu amigo...

JOSÉ

Agradeço a honra; mas não a pedi.

PEDRO

Há bem poucos dias ainda, deves lembrar-te, o mestre chamou-te de vadio e mau, porque abandonas o trabalho e não te ligar com companheiro algum. A solidão é má conselheira, José. Por que não te ligas conosco?... Ao menos distrais-te. Fica certo que em cada operário encontrarás um amigo dedicado...

JOSÉ

O mestre chamou-me vadio e mau, não é verdade?

PEDRO

Tu bem ouviste.

JOSÉ

Pois sim... sou vadio, porque não quero que ele enriqueça com o meu trabalho; sou mau, porque não consinto que me dominem. E se eu sou vadio e mau, por que não me despedem?... por que me conservam aqui?...

PEDRO

Se és conservado aqui, não é por ti, fica certo, mas por tua mãe, pobre e doente, a quem sustentas. Isto disse o mestre.

JOSÉ

Ah! o mestre é muito caritativo! Hipócrita! Que lhe importa que minha mãe morra de fome?... Pensas que ele deixaria de comer e de dormir se minha mãe morresse?... Estás enganado... Mas, por falar

em minha mãe... Olha que aquilo é uma carga bem pesada que tenho às costas!

PEDRO (*recuando*)

José!

JOSÉ

Então, o que é isso?

PEDRO

Pois dizes isso de tua mãe, José, de tua mãe?...

JOSÉ

E por que não? Quem diz a verdade não merece castigo.

PEDRO

Agora fico convencido de que és verdadeiramente mau!

JOSÉ (*com furor concentrado*)

Também tu, Pedro?...

PEDRO (*tranquilo*)

Também eu, sim. Tivesse eu mãe, fosse ela velha e doente, e eu me julgaria o mais feliz dos homens por poder trabalhar para sustentá-la, para que nada lhe faltasse...

JOSÉ

Há mais de uma hora que estás a pregar-me sermões, que não encomendei. Quem sabe se foste mandado pelo mestre?... Todos sabem que és o seu querido...

PEDRO

Eu não sou querido do mestre. Ele me trata como trata a todos, e como te trataria, se fosses como nós.

JOSÉ



Olha, Pedro: antes de te lembrares de ser conselheiro, devias lembrar-te do que foste. Aposto que já não te lembras de tempo em que andavas maltrapilho, imundo, morrendo de fome, sentado nas pedras das ruas... Provavelmente, já não te lembras... Estás um grande! O mestre trata-te como um rei, e o Sr. Manoel chama-te filho...

PEDRO

Não é necessário que me lembres o passado, porque nunca dele me esqueço...

JOSÉ

É natural. Há misérias que nunca se esquecem.

PEDRO

Se eu andava maltrapilho, imundo, morrendo de fome, a culpa não era minha, mas do destino, que me foi algoz, que não quis que eu conhecesse pai nem mãe... Disseste que eu sou tratado como um rei pelo mestre, que o Sr. Manoel chama-me filho... Que há nisso para admirar?... Bem pequeno fui recolhido nesta casa; aqui cresci, fui educado e ensinaram-me a trabalhar. O pai que conheço é o mestre. Grato a tantos benefícios, procuro cumprir o melhor que posso os meus deveres: trabalhando e obedecendo...

JOSÉ

Basta! Já estou cansado de suportar-te. Não posso admitir que um miserável bastardo venha dar-me conselhos!

PEDRO (*com um movimento de contrariedade, avançando um passo*)

José!

JOSÉ

Tenho dito!

PEDRO (*encarando-o*)

És... um desgraçado! (*Sai*)

### CENA III

JOSÉ

Hei de vingar-me!... Pisem, firam... mas eu hei de pisá-los mais, hei de feri-los mais fundo!...

### CENA IV

*José e Antônio.*

JOSÉ

Bom dia, mestre...

ANTÔNIO

Sempre na ociosidade, José! Enquanto os teus companheiros ali trabalham como mouros para ganharem o pão da vida, estás tu aqui, com as mãos nas algibeiras, sem nada fazer...

JOSÉ (*à parte*)

Começa novo sermão... Mas a última palavra será minha! (*Alto*) Não sou eu só que vadio, mestre...

ANTÔNIO

Quem é mais?...

JOSÉ

Ainda há pouco o Pedro.

ANTÔNIO

O Pedro! Proíbo-te que fales nele. O Pedro é um rapaz honrado e trabalhador. Além disso, é meu filho, porque fui eu que o criei e o eduquei. É meu filho pelo amor e pela gratidão. Depois, é teu superior...

JOSÉ

Ora! O Pedro meu superior, mestre!

ANTÔNIO

Sem dúvida. O contramestre de uma oficina é um superior.

JOSÉ

Mas o Pedro não tem idade para ser contramestre. Havia outros mais velhos na casa...

ANTÔNIO

Quando tive a ideia de fazê-lo contramestre, reuni todos os operários e expus-lhes o meu desejo. Sabes como foi ele aceito: com um grito de alegria partido de cinquenta bocas... Só tu permaneceste calado. Pedro é um amigo dedicado até ao sacrifício, um operário zeloso e ativo como poucos, um homem honrado. A minha escolha não podia ser melhor. Sei que todos os meus empregados são bons e inteligentes; mas Pedro tem sobre todos a vantagem da instrução. Todos são bons, menos tu...

JOSÉ

Mestre!

ANTÔNIO

Tu és madraço, desobediente e mau. Vens sempre tarde para a oficina, quando vens. Passas os dias andando de um lado para o outro. Se te repreendo, tens sempre uma resposta má para dar-me. Pois olha: se te repreendo, é para teu bem, é porque não posso ver-te viver assim, quando tens tua mãe doente, que precisa de certas comodidades, e que não as tem por causa da tua má cabeça.

JOSÉ

Mas eu não tenho que dar contas das minhas ações a pessoa alguma. Se há quem suponha que sou escravo, está enganado!

ANTÔNIO

José!

JOSÉ

Basta, mestre! Ainda há pouco, o seu querido contramestre matou-me o bicho do ouvido com um sermão da moral, mais incômodo do que uma chaga. Agora vem o mestre continuar o mesmo sermão. Eu não sou uma criança; tenho trinta anos. Creio que já não estou em idade de receber conselhos, que não peço e de que não preciso!

ANTÔNIO

José, tu abusas da minha paciência...

JOSÉ

E o mestre não tem abusado da minha, repreendendo-me, todos os dias, diante de todos, sem refletir que sou um homem e que posso reagir?...

ANTÔNIO

Se te repreendo é porque mereces, porque és um insolente, que podes deitar a perder todos os outros operários.

JOSÉ

Tome cuidado, mestre! Olhe que o cão tem o seu dia de raiva, e morde a mão que lhe bate!

ANTÔNIO

Ameaças-me?...

JOSÉ

Se o ameaçasse, estava no meu direito, porque também tenho sido ameaçado...

ANTÔNIO

Acho melhor que vás trabalhar, José. Não me incomodes.

JOSÉ

Ah! manda-me trabalhar! Então tem medo de ouvir-me... tem medo das consequências!...

ANTÔNIO (*avançando*)  
Medo! quem fala em medo?

JOSÉ (*pondo a mão no espaldar de uma cadeira, em atitude agressiva*)  
Não se aproxime, mestre! não se aproxime, porque pode arrepender-se!...

ANTÔNIO  
Miserável!...

JOSÉ  
E o mestre é um... ladrão, que quer enriquecer à custa do nosso suor!

ANTÔNIO (*precipitando-se*)  
Ah! é demais!...

JOSÉ (*erguendo a cadeira*)  
Até que enfim, deixou de ser covarde, mestre!

## CENA V

*Os mesmos e Pedro.*

PEDRO (*aparece ao fundo, vê a luta que se prepara e atira-se entre os dois*)  
O que é isto?

JOSÉ  
Arreda-te, intrigante, ou esmago-te!

PEDRO  
Esmagar-me! a mim! Isso é o que nós vamos ver!

ANTÔNIO (*segurando Pedro*)  
Deixa-o, Pedro... Não te desonres lutando com esse infame.

PEDRO (*calmo*)  
Não luto, não, mestre, porque tenho pena dele.

JOSÉ

Guarda a tua compaixão para ti mesmo, que bem precisas dela, bastardo!

PEDRO

Bastardo! Sempre esta palavra!

JOSÉ

E o que és tu?

ANTÔNIO

Retira-te, Pedro.

JOSÉ

Não, mestre. Retiro-me eu. Agora vou trabalhar satisfeito. (*Sai pelo fundo*)

## CENA VI

*Antônio e Pedro.*

ANTÔNIO

Pedro, desde hoje este homem deixa de fazer parte das minhas oficinas.

PEDRO (*tomando-lhe a mão*)

Mestre, peço-lhe que o deixe ficar.

ANTÔNIO

Como, se ousou levantar a mão para mim?...

PEDRO

Perdoe-lhe, mestre, perdoe-lhe em nome da pobre velha, que lá está enferma, em casa, sem poder trabalhar, e que vive do pouco que o filho ganha. A má ação fica com quem a pratica.

ANTÔNIO  
Não, Pedro.

PEDRO  
José é um louco, mestre, e para todo o louco deve haver compaixão, deve haver misericórdia. Deixe-o ficar. Espero em Deus trazê-lo em pouco tempo ao bom caminho.

ANTÔNIO  
Mas tens ânimo de pedir por ele, que a cada momento te insulta com a palavra — bastardo, — uma palavra que fere tanto?...

PEDRO  
Tenho, mestre. Deixe-o ficar. Peço-lhe em nome da compaixão com que me tem tratado.

ANTÔNIO (*abraçando-o*)  
Vem cá, meu filho... Tu és o homem mais honrado, mais generoso e mais nobre que conheço. Deus não quis dar-te a suprema consolação de conheceres pai nem mãe, mas deu-te o melhor coração do mundo. José está perdoado.

PEDRO (*apertando-lhe as mãos*)  
Obrigado, mestre! muito obrigado!

ANTÔNIO  
Agora vai ver como anda o trabalho aí por dentro. Preciso ficar só.

PEDRO  
Sim, mestre. (*Sai pelo fundo*)

## CENA VII

ANTÔNIO (*senta-se perto da mesa. Pausa*)  
Quando eu pensava vir encontrar aqui a tranquilidade de espírito de que eu tanto careço... encontro mais um espinho para juntar-se

aos tantos que já me rasgam o coração! *(Pausa)* Depois de quarenta longos anos de trabalho e privações, eis que venho esbarrar-me com a desonra, no último quartel da vida... *(Pausa)* Onde ir buscar dinheiro para pagar essa letra fatal? Onde? Três contos de réis seriam hoje para mim a riqueza... *(Pausa)* Fui ontem ameaçado de uma penhora se não satisfizesse o pagamento dessa letra no devido tempo. Procurei contrair um novo empréstimo, mas foram baldados todos os meus passos... *(Pausa)* Pois hei de ver-me despojado de tudo que com tanto trabalho adquiri, assim, de um momento para outro?... Pois hei de consentir que me salpiquem de lama estes cabelos que ficaram brancos com cinquenta anos de honra, esta fronte que nunca corou de uma ação má? Oh! o golpe é tremendo!... *(Pausa)* Escrevi há pouco ao meu implacável credor pedindo uma demora de alguns dias para o pagamento... mas não tenho esperança alguma de ser atendido... Enfim, esperemos... Se for atendido, terei alguns dias de avanço, e poderei talvez pôr em melhor ordem os meus negócios... Três contos!... miserável quantia que tantas vezes me tem passado pelas mãos, e que seria hoje para mim a salvação! *(Descansa os braços sobre a mesa e deixa cair a fronte nas mãos, com profundo abatimento. Momento de silêncio)*

## CENA VIII

*Antônio e Maria.*

MARIA *(entrando pela esquerda)*

Ah! já veio?... Como se demorou hoje...

ANTÔNIO *(levantando-se e beijando-a na fronte)*

Sim... demorei-me... Tinha tantos negócios a tratar...

MARIA

E que negócios são esses que o demoram tanto tempo por fora, não me diria?

ANTÔNIO *(fingindo-se alegre)*



Ora, que negócios!... Compras de materiais... transações... e muitas outras coisas...

MARIA

Eu já estava com cuidado...

ANTÔNIO

Louquinha! Cuidado, por quê?...

MARIA

Pensei que lhe tivesse sucedido alguma coisa... Então não era possível?

ANTÔNIO

Sem dúvida, porque ninguém tem a saúde fechada na mão. De um momento para outro adoce-se ou morre-se, sem se saber porque, nem de que... (*Reparando*) Mas como estás catita hoje! Sim, senhora! Vais passear?...

*(José aparece ao fundo)*

MARIA

Vou coser, e depois pretendo fazer uma visitinha à pobre Andreza, se meu pai der licença.

JOSÉ (*à parte*)

Vai à casa de minha mãe... (*Batendo na frente*) Ah! (*Desaparece*)

ANTÔNIO

Concedo-te com a melhor vontade. Mas não tens medo de ir só?

MARIA

Medo do quê? É alto dia, e a viagem não é grande.

ANTÔNIO (*rindo*) E o bosque?... Cuidado com as onças!

MARIA

Ora! O bosque é de laranjeiras, e as onças ainda estão para nascer... Dizem que a pobre velha está mal, e eu não quero deixar de vê-la.

ANTÔNIO

Pobre velha! Dizes bem. A mãe que tem um filho como ela tem, é muito desgraçada.

MARIA

Mas o que tem o José?

ANTÔNIO

O José é um mau homem...

MARIA

Sim, já o tenho ouvido, por mais de uma vez, dizer isso, mas não posso saber em que é que ele é mau?

ANTÔNIO

Porque não quer trabalhar, é desobediente, e foge dos companheiros, como se os temesse...

MARIA

Mas por que foge dos companheiros?

ANTÔNIO

Só ele o sabe. É porque talvez se reconhece pior do que eles, ou porque tem muito orgulho.

MARIA

Desgraçado do homem que se julga inferior aos outros homens. Quanto ao orgulho... não vejo motivo para tê-lo: é um operário como os outros.

ANTÔNIO

Cada um pensa a seu modo. Deixá-lo pensar como lhe parecer. Se já o não despedi, tem sido unicamente em atenção à pobre mãe, que lá

está no fundo de uma cama, e que não tem culpa da má cabeça do filho.

MARIA

Peço-lhe que não o despeça, meu pai, pelo menos enquanto ela viver. Seria um golpe bem doloroso para a infeliz.

ANTÔNIO

Não o despeço, não. Descansa.

MARIA

É uma obra de caridade que pratica para com uma moribunda.

ANTÔNIO

Mas onde está teu avô, que ainda não o vi, depois que cheguei?

MARIA

Deixei-o no jardim.

ANTÔNIO

Vou lá. (*Sai*)

## CENA IX

MARIA (*toma uma costura que está em cima de uma cadeira e senta-se*)  
Ora, vamos a ver se acabo com esta tarefa antes de sair. Quero que o altar de nossa Senhora das Dores tenha amanhã a sua toalha nova...  
(*Começa a trabalhar*)

## CENA X

*Maria e José.*

JOSÉ (*ao fundo, à parte*)

Está só. Aproveitemos a ocasião. (*Descendo*) Menina Maria...

MARIA

Ah! É o Sr. José?

JOSÉ

Pode prestar-me um momento de atenção?

MARIA

Com muito gosto. Mas há de permitir que vá trabalhando enquanto fala.

JOSÉ

Pode trabalhar. O que tenho a dizer não levará muito tempo. Peça-lhe que não se constranja.

MARIA

Mas antes de principiar, desejava que me dissesse como está sua mãe.

JOSÉ

Minha mãe está mal. Já não se levanta, tem falta de apetite e queixa-se de grandes dores de cabeça. Está em uma contínua sonolência e tem repetidas agitações nervosas.

MARIA

É preciso haver todo o cuidado com ela, Sr. José: satisfazer-lhe todos os desejos e tratá-la com o maior carinho.

JOSÉ

Trato-a como posso, e quem faz o que pode não é a mais obrigado. Todos os dias, antes de vir para a oficina, deixo-lhe em uma mesa, perto da cama — um pão e uma bilha com água.

MARIA (*à parte*)

Perverso! (*Alto*) E o tratamento médico?

JOSÉ

O tratamento médico... Eu não tenho dinheiro para pagar as visitas do facultativo e as drogas da botica...

MARIA

Mas quando não se dispões de meios, recorre-se aos amigos...

JOSÉ

Eu não tenho amigos.

MARIA

Lastimo-o... E quer que sua mãe fique boa?...

JOSÉ

Eu... eu não tenho a sua saúde fechada na mão. Ficaré boa, se for o seu destino não morrer desta vez.

MARIA (*depois de um momento de silêncio*)

E se ela morrer?

JOSÉ

Se morrer... tenho de enterrá-la, e está tudo acabado...

MARIA

Ah!

JOSÉ

Mas quando lhe pedi um momento de atenção, não foi para tratar de minha mãe, foi para tratar de mim.

MARIA

Do senhor? Então queira afluir. Eu vou trabalhando. Quero acabar esta toalha antes de ir ver sua mãe.

JOSÉ

Como não ignora, eu vivo isolado na oficina. Seu pai repreende-me todos os dias. Ainda há pouco, nesta sala, chamou-me de vadio e mau.

MARIA

Meu pai é incapaz de repreendê-lo injustamente, Sr. José. Se o repreende, é porque o senhor merece.

JOSÉ

Como?

MARIA

Por que razão nunca se alterou ele com os outros operários? Por que são trabalhadores, zelosos e obedientes...

JOSÉ

E eu então?

MARIA

Como eu tenho visto, o senhor abandona o trabalho a cada momento, e sai, voltando muitas vezes para a oficina duas e três horas depois. Passa dias e dias que não vem cá, não por estar doente, mas por não querer trabalhar...

JOSÉ

Mas...

MARIA

E meu pai nunca descontou um real do seu salário. É preciso mudar de vida. Seja assíduo, venha cedo, como os seus companheiros, trabalhe tanto como eles, seja obediente, como eles são, e garanto-lhe que meu pai nunca mais o repreenderá.

JOSÉ

Pelas suas palavras, vejo que também está prevenida contra mim.

MARIA

Eu não estou prevenida contra pessoa alguma, Sr. José, porque, graças a Deus, a ninguém odeio nem ofendi.

JOSÉ

Está prevenida, sim; por isso, julgo desnecessário dizer-lhe o motivo que me trouxe aqui.

MARIA

Pode dizer. Se estiver em minhas mãos fazer o que deseja, creia que o farei de todo o coração. (*Momento de silêncio*) Vamos, Sr. José; fale.

JOSÉ

Receio ofendê-la.

MARIA

Não me ofenderá. Diga.

JOSÉ

Então... eu... amo-a!

MARIA (*erguendo-se*)

Ama-me!... O senhor?...

JOSÉ

Sim... amo-a! O que quer?... A gente, por fim de contas, há de amar alguém...

MARIA (*sentando-se*)

Disse-lhe que não me ofendia, e não me ofendi.

JOSÉ

Não se ofendeu?

MARIA

Sei que o amor nasce espontâneo no coração, que é poderoso, que domina, que escraviza, que arrasta muitas vezes as maiores loucuras... Por isso, perdoo-lhe...

JOSÉ

Perdoar-me!... O quê?... Toma por acaso o meu amor como um insulto?...

MARIA

Não tomo como um insulto, porque estou certa que o senhor é incapaz de insultar-me... Tomo simplesmente como uma loucura.

JOSÉ

Uma loucura!

MARIA (*levantando-se*) Sim. Procure esquecer esse amor, José. Trabalhe, junte-se com os seus companheiros, divirta-se, folgue e seja feliz, porque eu não posso amá-lo.

JOSÉ

Não pode amar-me!... Por quê?...

MARIA

Porque não há quem possa dizer: — “Eu quero amar!” — porque, como já disse, o amor nasce espontâneo no coração... e eu amo...

JOSÉ (*à parte*)

Ah! eu bem suspeitava!

MARIA

Peço-lhe perdão se o faço sofrer com esta revelação; mas sou franca, e não quero iludi-lo nem dar-lhe esperanças que nunca hão de realizar-se.

JOSÉ

Que importa uma dor de mais ou de menos?... (*À parte*) Mas hei de vingar-me!...

MARIA

Perdoe-me, sim?

JOSÉ (*apertando-lhe o pulso, com voz rouca*)



Perdoar-lhe!

MARIA (*recuando assustada, e depois encarando-o com supremo desprezo*)  
Desgraçado!...

(*Neste momento os operários repelem o coro, na oficina. — José entra na oficina. — O pano desce antes de expirar o canto*)

## ATO II

*A mesma vista do 1º Ato.*

### CENA I

*Maria e Pedro.*

PEDRO (*entrando*)  
Chamou-me?

MARIA  
Chamei. Quero merecer-lhe um favor, Pedro.

PEDRO  
Eu, nesta casa, não faço favores, Maria: cumpro ordens.

MARIA  
Não as cumpre, porque ninguém lhe as dá; nem meu pai, nem meu avô, nem eu. Todos aqui amam-no muito para lhe darem ordens.

PEDRO  
Obrigado, Maria. Faço o que posso, não para pagar a minha enorme dívida de gratidão, porque as dívidas de gratidão não se pagam, mas...

MARIA

Falemos de outra coisa. Queria pedir-lhe que fosse procurar um médico e que o levasse à casa da velha Andreza. Pode?

PEDRO

Por que não?

MARIA

Queria também que comprasse alguns biscoitos, um pouco de chá e mais algumas coisas para a pobre velha, que morre de debilidade...  
(*Dá-lhe dinheiro, que tira da gaveta*)

PEDRO (*recusando*)

Não, Maria. Há de permitir que me associe à sua obra de caridade. Essa despesa, quero eu fazê-la.

MARIA

Tens um nobre coração, Pedro. Assim o tivesse José. Sabes o que me disse ele há pouco?

PEDRO

O que foi?

MARIA

Disse-me que quando vinha para a oficina, deixava sobre uma mesa, perto da cama da enferma, uma bilha com água e um pão...

PEDRO

José é um desgraçado. Há de acabar mal. Tenho empregado todas as minhas forças para trazê-lo ao bom caminho, mas em vão. José está irremediavelmente perdido. Contudo, hei de lutar sempre contra os seus maus instintos.

MARIA

Deus te pagará o sacrifício, Pedro.

PEDRO

Não é sacrifício, Maria. O meu coração manda que eu assim faça; hei de fazer. Mas estou aqui perdendo tempo. Vou procurar o médico e ao mesmo tempo comprar o mais necessário para a doente. Até já.  
(*Sai*)

## CENA II

MARIA

Este é o anjo bom dos que padecem, o manto dos que têm frio, o pão dos que têm fome, a consolação dos aflitos. Alma grande, não pode ver o sofrimento alheio, sem que chore com o desgraçado, sem que lhe dê crença, sem que lhe mostre o céu... Ainda ontem, vi-o esconder-se, como um malvado que medita uma ação má, para dar esmola a um pobre. Não pude conter-me: corri a ele e apertei-lhe as mãos: “— Assim, Pedro! assim!” exclamei. — “Assim, o quê? O que fiz eu?...” — perguntou ele. Apontei para o pobre, que desaparecia na estrada, e respondi: — “Olha: Deus te pagará!” — Fez um movimento de contrariedade, e entrou na oficina. E pode-se deixar de amá-lo? Oh! não! Ali está a caridade, o trabalho, o amor, a dedicação e a honra... E eu amo-o... amo-o muito... Que importa que ele seja pobre, que fosse recolhido por caridade, que não conheça pai nem mãe? Por ventura é a riqueza que faz a felicidade? Minha mãe dizia: — “Pedro é a gratidão!” — Meu pai diz: — “Pedro é o modelo da honra e do trabalho!” — Todos os operários estimam-no como a um irmão... Quando ele entra na oficina, é sempre recebido com um grito de alegria!... (*Continua a costura, que tem tomado de sobre a mesa*)

## CENA III

*Manoel e Maria.*

MANOEL

Ah! estás aqui?

MARIA

E trabalhando, como vê, com toda a vontade, para acabar hoje este bordado. Amanhã é sábado, e eu quero que o altar de Nossa Senhora das Dores tenha uma toalha nova.

MANOEL

Pois trabalha, filha. O fim para que trabalhas é tão bonito, que se eu ainda tivesse os olhos dos vinte anos e entendesse disso, ajudava-te de coração.

MARIA

Sei que a vontade é boa, meu querido avô.

MANOEL (*sentando-se*)

Onde está Pedro?

MARIA (*trabalhando*)

Saiu.

MANOEL

Sabes onde foi?

MARIA

Pedi-lhe para... ir comprar-me linha, porque a que tenho está quase acabada. Mas não pode demorar-se.

MANOEL

Para que faltas à verdade, filha?...

MARIA

Como?

MANOEL

Ainda ontem teu pai comprou linha mais que suficiente para dois bordados como esse...

MARIA

Mas...

MANOEL

Queres que te diga o que foi Pedro fazer? Foi, a teu pedido, à casa da velha Andreza...

MARIA

Meu avô!

MANOEL

Adivinhei?...

MARIA

Sim... adivinhou.

MANOEL

Tu és um anjo, Maria. Não há pobre que a ti se chegue e que saia com as mãos vazias. Para que ocultar as boas ações, se as más não encontram abrigo em nossos corações?...

MARIA

A mão esquerda deve sempre ignorar o que dá a direita: é o que Deus manda, foi o que minha mãe me ensinou. E depois, se há aqui quem seja caritativo, não sou eu por certo...

MANOEL

Quem é mais caritativo do que tu?

MARIA

Pedro, que se esconde, como um criminoso, para socorrer a pobreza.

MANOEL

Viste?

MARIA

Vi. Agradeci-lhe em nome da humanidade sofredora, mas ele voltou o rosto e retirou-se contrariado.

MANOEL

Pedro também já sentiu frio, já teve fome, e sabe quanto é doloroso o sofrimento da fome e do frio. Tem um coração de ouro, que a miséria não conseguiu corromper. Em seu coração levantou ele dois altares: — um para a gratidão, o outro para o amor...

MARIA (*às últimas palavras de Manoel, levanta-se e abraça-o*)

Oh! meu avô, nem sabe quanto as suas palavras me fazem feliz!

MANOEL

Olha que me afogas, rapariga!... Mas feliz, por quê?

MARIA

Porque eu...

MANOEL

Fala, filha. Por que hesitas?

MARIA (*ocultando o rosto do peito de Manoel*)

Eu... amo-o!

MANOEL

E envergonhas-te disso? Para o dizeres, é necessário ocultares o rosto? Para eu saber que o amavas, não era preciso que m'ó dissesses...

MARIA

Como?

MANOEL

Adivinhei.

MARIA

Meu avô!

MANOEL

De certo tempo a esta parte, a amizade de vocês não é tão franca, como era antigamente. Primeiro sintoma. Quando estão juntos, faltam-se com acanhamento, coram, tremem. Segundo sintoma. Por quê? Pois não é tão natural o amor nos moços?... Amem-se. Melhor escolha não podias tu fazer. Quanto eu nascimento, que importa? Tem ele culpa de haver nascido assim?

MARIA

Tens razão, meu avô. Que culpa têm os filhos dos crimes dos pais?...

MANOEL

Amem-se. Por teu pai respondo eu. Ele louvará o teu são juízo. Vamos. Nada de corar. Praticaste alguma ação má?... Levanta a cabeça e enxuga os olhos... Chorar... Por quê? No meu tempo também se amava, e as moças não choravam por isso.

MARIA

A felicidade também faz chorar.

MANOEL

Sim; não duvido. Mas o caso não é para lágrimas. Pedro é um excelente rapaz... Se a escolha não tivesse sido acertada, seria eu o primeiro a aconselhar-te que procurasses esquecer... Vamos... Dá-me um abraço e está tudo acabado. Não falemos mais nisto.

MARIA (*abraçando-o*)

Meu avô!...

#### CENA IV

*Os mesmos e Antônio.*

ANTÔNIO (*à parte, pensativo*)

Ainda nada... E esta demora dá-me que pensar... O golpe demora-se, mas há de ser fatal...

*(José aparece ao fundo)*

MANOEL

Ora, venha cá o senhor. Deixe-se de estar aí ruminando como um malfeitor, e ouça-me. Tenho uma notícia a dar-lhe...

ANTÔNIO *(sorrindo contrafeito)*

Que notícia?

MANOEL

Sabe que brevemente temos casamento por cá?...

JOSÉ *(à parte)*

Casamento!

ANTÔNIO

Que casamento?

MANOEL

Ora! que casamento!

MARIA

Meu avô!

MANOEL

A companhia de Pedro havia de dar algum resultado.

JOSÉ *(à parte)*

Pedro! Ah! *(Desaparece)*

ANTÔNIO

Ah! sim? Então a minha sensitiva, que se retraía toda à vista dos outros rapazes...

MANOEL

Ora, vamos lá, homem! O que tem de ser, há de ser.



ANTÔNIO (*a Maria*)  
Pois bem: nesse caso, Deus os abençoe.

MARIA (*abraçando-o*)  
Meu pai!

MANOEL  
E os faça muito felizes.

**CENA V**  
*Os mesmos e Pedro.*

PEDRO  
Maria! Maria! (*Vendo o grupo*) Ah!

(*José aparece ao fundo*)

ANTÔNIO  
Chegou a propósito, senhor galã marceneiro... Então é bonito o seu procedimento?...

PEDRO  
Que procedimento, mestre?...

ANTÔNIO  
Ora, que procedimento! Faça-se agora de inocente...

PEDRO  
Não o compreendo...

ANTÔNIO  
O seu procedimento de andar transtornando o juízo das raparigas.

PEDRO (*recuando*)  
Transtornando o juízo das raparigas!... Mestre, essas coisas nem brincando se dizem...

ANTÔNIO

Está bom. Deixemo-nos de preâmbulos. Amas minha filha?

PEDRO

Amo-a, mestre, amo-a; mas juro pela minha honra que nunca lhe dirigi uma palavra de amor.

ANTÔNIO

Acredito, e por isso dou-te. Amem-se, meus filhos. Pedro, conheço-te desde a infância, e sei que entregou minha filha a um homem de bem.

JOSÉ (*à parte*)

Malditos! (*Desaparece*)

PEDRO

Mestre... mestre... mas eu não mereço...

ANTÔNIO

A prova de que mereces, é que exijo que me dês um abraço.  
(*Abraçam-se*)

PEDRO (*cheio de prazer e ao mesmo tempo de confusão*)

Obrigado, mestre... obrigado!

MANOEL (*a Maria*)

Estás contente?

MARIA

Se estou! (*Abraçando o pai*) Meu pai!

ANTÔNIO

Está bom... está bom... Não me sufoques...

MARIA

Como sou feliz agora, vou visitar a pobre Andreza.

MANOEL

Pois vai, filha, vai.

MARIA (*apresentando a fronte ao pai, que a beija*)

Mau pai... meu avô... Até logo, Pedro... (*Sai*)

## CENA VI

*Antônio, Pedro e Manoel.*

PEDRO

Mestre, o ato que acaba de praticar confunde-me... Eu não mereço tanta honra nem tanta felicidade...

ANTÔNIO

Olha: Bocage, que foi um grande homem, disse:

“O prêmio da virtude — é a virtude  
“É castigo do vício — o próprio vício.”

Tu és bom, grato e virtuoso. A recompensa das tuas virtudes, dou-te em minha filha. Tu a conheces, sabes quem ela é: — quais os seus defeitos, quais as suas boas qualidades. Amem-se como devem amar-se dois corações bem formados.

MANOEL

E eu vou descansar um pouco. A minha idade já não é para estas coisas. (*Sai*)

## CENA VII

*Antônio e Pedro.*

ANTÔNIO

Onde está José?

PEDRO

Creio que trabalhando.

ANTÔNIO

Duvido. José nunca trabalha por sua vontade. Aquele rapaz há de acabar mal. Ainda o outro dia vi-lo praticar um ato que revoltou-me.

PEDRO

O que foi?

ANTÔNIO

Conseguiu, não sei como, apanhar uma andorinha. Quebrou-lhe as pernas, arrancou-lhe as asas e acabou por vazar-lhe os olhos...

PEDRO

Ah!

ANTÔNIO

Revolta-te isto, não é verdade?

PEDRO

Revolta, mestre. Se eu fizesse semelhante coisa, creio que morreria de remorso.

ANTÔNIO

José não é uma criança inconsciente; é um homem... Repito: — o fim de José há de ser desgraçado. Quem viver, verá.

PEDRO

Mestre, se me dá licença, vou mandar os operários embora. É meio dia.

ANTÔNIO

Pois manda-os.

*(Pedro entra na oficina. — Ouve-se tocar uma sineta. — Pouco depois, vê-se, pela porta do fundo, os empregados desfilarem da esquerda para a direita, repelindo o coro do 1º ato)*

## CENA VIII

ANTÔNIO *(que, a meio da cena, com os braços cruzados, tem acompanhado com a vista a saída dos operários)*

Vão, meus filhos. Talvez que breve fechem-se sobre todos as portas desta casa, onde, durante dez anos, ganharam com honra o pão de cada dia... Vão... Quem sabe se será esta a última vez que os vejo?... Quisera abraçá-los todos, agradecer-lhes a sua lealdade, a santa amizade que sempre me tiveram... Mas para que entristecer ainda mais o quadro?

*(Senta-se, pensativo. — Momento de silêncio — Ouve-se ao longe dar meio dia. — Antônio levanta a cabeça, prestando atenção, até extinguir-se no espaço a vibração da última badalada. — Ergue-se vagarosamente, vai ao fundo e, cruzando os braços sobre o peito, contempla, com profunda tristeza, a oficina deserta)*

## CENA IX

*Antônio e João.*

JOÃO *(da esquerda, com uma carta)*

Mestre! *(Silêncio)* Mestre! *(Silêncio)* Oh! *(Avançando até meio da cena)*  
Mestre!...

ANTÔNIO *(voltando a cabeça)*

O que queres?

JOÃO

Aqui está uma carta que trouxeram agora mesmo para o mestre.

ANTÔNIO *(descendo rápido)*

Uma carta!... Dá-me. (*À parte, recebendo a carta*) Oh! aqui está a salvação ou o inferno! (*João Sai*).

## CENA X

ANTÔNIO

Tenho medo de abrir esta carta. Parece-me que aqui dentro está a minha sentença de morte! (*Abre a carta e lê, agitado e trêmulo. — Deixa cair o papel das mãos hirtas. — Dá, vacilando, alguns passos e cai, pesadamente, na cadeira perto da mesa, dando um grito de desespero*) Ah!

## CENA XI

*Antônio e Manoel.*

MANOEL (*indo a ele*)

O que é isso, Antônio?

ANTÔNIO

Ah! o coração bem me adivinhava!...

MANOEL

Mas o que é?... que sucedeu?...

ANTÔNIO

Não sei... aí pelo chão deve estar um papel... Leia...

MANOEL (*apanha o papel e lê*)

“É impossível a demora que pede. O homem que não satisfaz os seus compromissos no devido tempo, ou está arruinado ou é um ladrão.” — (*Amarrotando, convulso, o papel*) Um ladrão!... Tu, Antônio!...

ANTÔNIO

É assim perder em um momento quarenta anos de honra, meu pai!... Que quer? Como não pude, pela primeira vez na minha vida,

satisfazer um compromisso no devido tempo, chamam-me ladrão!... Ah! estão no seu direito... O meu passado nada vale... é um passado de ladrão!

MANOEL

Coragem, meu filho! Deus é grande!

## CENA XII

*Os mesmos e Pedro.*

PEDRO

Mas o que é isto?... que abatimento é esse, meu pai?... o que sucedeu?... Ah! sim... já sei... Mas não se aflijam. A sua honra continua intacta, meu pai... A letra está paga.

ANTÔNIO

Paga!... Como?...

PEDRO

O portador da carta que há pouco recebeu, contou-me tudo... Eu tinha umas economiazinhas e... Com a fortuna! Para que serve o dinheiro senão para enxugar as lágrimas dos que sofrem?... Vamos, mestre! nada de tristezas!... O temporal já vai longe... Agora ao trabalho, e viva a Providência!...

MANOEL

Obrigado, Pedro!... Obrigado por mim e por ele!

ANTÔNIO

Pedro, agora repito o que sempre dizes: — “As dívidas de gratidão não se pagam!” — Dá-me um abraço. Quando dois homens honrados abraçam-se, Deus sorri-se no céu! (*Rumor fora*) O que é isto?

MANOEL

Parece muita gente a lamentar-se...

(O rumor aproxima-se. — Entram dois operários conduzindo Maria desmaiada, com os vestidos rotos e os cabelos em desordem, e a sentam em uma cadeira. — Os operários, em não pequeno número, ficam no fundo. — José entra pela esquerda, e para à rampa, contemplando o quadro)

### CENA XIII

*Antônio, Manoel, Maria, Pedro, João, José e Operários.*

ANTÔNIO (*correndo a Maria*)

Minha filha!

MANOEL (*idem*)

Meu Deus!

PEDRO (*idem*)

Maria!...

ANTÔNIO (*aos operários*)

Mas o que aconteceu?

JOÃO

Não sabemos, mestre. Quando passávamos pelo bosque das laranjeiras, ouvimos uns gemidos como de quem agonizava. Corremos ao lugar de onde partiam os gemidos, e encontramos a nossa pobre menina no estado em que a vê, com este papel pregado no vestido. (*Mostra uma tira de papel*)

ANTÔNIO

Um papel!... Dá-me!... (*Lendo*) “Saiu pura de casa, mas voltará desonrada.” — (*Rasgando o papel*) Ah! o miserável!... Quem foi... (*Indo a Maria*) Maria! minha filha!... (*Cai soluçando, em uma cadeira*)

MANOEL

Meu Deus!



PEDRO

Coragem, meu pai!

JOSÉ (*à parte*)

É preciso que os anjos chorem, para que Satanás possa folgar algumas vezes! Caluniei-a, mas vinguei-me!...

(*Antônio soluça, em uma cadeira. — Pedro e Manoel socorrem Maria. — Os operários, ao fundo, mostram-se comovidos. — José, à boca da cena, contempla, sorrindo, o quadro*)

### ATO III

*A mesma vista.*

#### CENA I

PEDRO (*sentado perto da janela, pensativo. — Depois de um momento de silêncio*)

E assim perder em um momento uma esperança alagada há tantos anos!... E não saber quem foi o miserável!... Oh! com que satisfação calcá-lo-ia aos pés, cuspir-lhe-ia na face, matá-lo-ia aos poucos, lentamente, sem piedade, sem compaixão!... (*Pausa*) O meu coração nunca abrigou ódios nem rancores, nunca em minha alma pode palpitar o sentimento da vingança... Sempre fui bom... Chorei com os que choravam, animei aos que perdiam a coragem, levei a luz da fé aos que descreiam, dei pão aos que tinham fome, cobri a nudez dos que tinham frio... E que recompensa tive eu por ser assim? Rasgarem-me o coração, envenenarem-me a alma, roubarem-me a minha única felicidade, tornarem-me descrente!... Descrente!... Oh! não!... Eu não descreio... Deus há de proteger-me, há de mostrar-me o infame!... (*Deixa cair a fronte nas mãos, com profundo desânimo*)

#### CENA II

*Pedro e José.*

JOSÉ

Bom dia, Pedro.

PEDRO (*erguendo a cabeça*)

Bom dia, José.

JOSÉ

Então, o que é isso?... Que cisma é essa em que estás tão abismado? Olha: — quem cisma não casa. — Não queiras agora iludir o mestre...

PEDRO

É uma ironia, José?

JOSÉ

És desconfiado, meu companheiro. Pois não estavas para casar com a filha do mestre?

PEDRO (*contrariado*)

É certo.

JOSÉ

E então...

PEDRO

Mas esse casamento não pode mais ter lugar...

JOSÉ

Por quê?

PEDRO

Porque... não pode.

JOSÉ

Sim; depois do que houve, eu disse logo com os meus botões: — Pedro é um rapaz honrado, e não casará mais. — Um homem de bem não pratica o triste ato de casar com uma rapariga sobre quem recai a certeza de uma falta...

PEDRO

E se essa falta foi cometida involuntariamente, por meio da violência?...

JOSÉ

Nem por isso deixa de ser uma falta, e uma falta gravíssima...  
(*Pausa*) Pedro, chegou a ocasião de dar-te uma prova de gratidão pela amizade que sempre me mostraste...

PEDRO

Como?

JOSÉ

No dia em que ficou decidido o teu casamento com a filha do mestre, tive compaixão de ti, meu companheiro, porque abusaram miseravelmente da tua boa fé...

PEDRO

Não te compreendo.

JOSÉ

Compreender-me-ás. Lembras-te quando o mestre deu um jantar aos anos de sua filha, jantar que terminou por um baile?

PEDRO

Lembro-me.

JOSÉ

Lembras-te que a esse jantar e a esse baile assistiu o Sr. Jorge de Castro, filho do comendador Castro?...

PEDRO

Lembro-me.

JOSÉ

Lembras-te que ao jantar o Sr. Jorge de Castro esteve sentado ao lado da filha do mestre e que lhe fez cinco ou seis saúdes?

PEDRO

Lembro-me.

JOSÉ

Lembras-te que à noite o Sr. Jorge de Castro dançou quase sempre com a filha do mestre?

PEDRO

Lembro-me.

JOSÉ

Pois bem. Durante o jantar o Sr. Jorge de Castro não deixou um só momento de olhar para Maria, e enquanto dançaram, conversaram e conversaram muito. Eu ouvi.

PEDRO

Ouviste? O que ouviste?

JOSÉ

Não digo porque não quero afligir-te. Para que hei de lançar mais fel no teu coração, já tão cheio dele? (*À parte*) Vou bem! (*Alto*) Embora mau, embora perverso, como diz o mestre que sou, não quero acabar de acabrunhar-te com uma revelação dolorosa...

PEDRO

Não! Hás de dizer-me o que ouviste. Não suponhas que com essa revelação abres-me uma nova chaga ao coração... O meu coração é uma chaga só, viva, gotejando de sangue... Sabes que eu amava Maria com todas as forças da minha alma, com toda a veemência do primeiro amor. Maria era para mim a única ambição, a única felicidade... Mas depois do que se deu, afaste-me dela, não com

ódio, porque o meu coração não pode ter ódio a ninguém... Fiquei só, inteiramente só... Dize-me o que ouviste, José...

JOSÉ

Já que assim o queres, vou dizer o que ouvi... e o que vi também...

PEDRO

Viste também?

JOSÉ

Ah! meu companheiro, muito enganado tens vivido! Não admira. Qualquer deixar-se-ia arrastar pelos sorrisos fagueiros e pelas palavras doces dessa moça. Vi e ouvi, Pedro. O que ouvi é mau, o que vi é horrível...

PEDRO

Fala, José, fala!

JOSÉ

Não; não quero magoar-te mais...

PEDRO

Não me magoas. Fala.

JOSÉ

O Sr. Jorge de Castro disse à filha do mestre: — “É um anjo. Feliz o homem que merecer o seu amor. Creia. Há corações que amam ou odeiam ao primeiro impulso... O primeiro impulso do meu coração foi amá-la... e eu amo-a...”

PEDRO

E ela... ela... o que respondeu?...

JOSÉ

Corou, baixou os olhos e balbuciou: — “Quem sabe?...”

PEDRO

Oh! mas isso é uma confissão!...

JOSÉ

Assim penso eu também. Uma confissão claríssima. Ele insistiu: disse que a amava loucamente, que por ela sacrificaria até a própria vida, e ela respondeu...

PEDRO

O quê?... o quê?...

JOSÉ

Respondeu: — “Creio!”

PEDRO

Ah!... Mas isso é verdade, José?... isso é verdade?

JOSÉ

Se é verdade?... A pergunta é ofensiva, meu camarada. É verdade, sim: juro-o pela salvação da minha alma.

PEDRO

Ah! e assim abusavam da minha credulidade... e assim escarneciam da minha boa fé!... Por quê? E... o que viste?

JOSÉ

Não sei se deva dizer-te. Estás tão agitado, que me metes dó. Outro dia contar-te-ei tudo...

PEDRO

Não!... Há de ser já, agora... Quero saber até que ponto zombaram de mim!...

JOSÉ

Mas temos muito tempo, muito tempo, Pedro. Amanhã...

PEDRO

Já disse que há de ser hoje, agora. Fala!

JOSÉ

Vou satisfazer-te, mas bem contra a minha vontade. Há dois meses, pouco mais ou menos, ia eu passando pelo bosque das laranjeiras, para levar um pouco de pão à minha mãe. Ouvi um murmúrio de vozes, abafado e confuso. Curioso por saber o que aquilo era, entre sutilmente no bosque, e, oculto pelas árvores...

PEDRO

O que viste?

JOSÉ

Vi a filha do mestre sentada na relva, e o Sr. Jorge de Castro de joelhos, em atitude suplicante.

PEDRO

Ah!

JOSÉ (*ferindo as palavras*)

Depois, as cabeças dos dois aproximaram-se... um beijo longo uniu-lhes os lábios... o Sr. Jorge enlaçou Maria pela cintura... conchegou-a a si... afagou-a com mão trêmula os cabelos soltos... e um novo beijo fez-se ouvir.

PEDRO (*recuando, com explosão*)

Ah! miseráveis!... miseráveis!...

JOSÉ

Retrocedi. Aquilo era uma infâmia, uma dupla infâmia, porque ela perdia-se, iludindo-te vergonhosamente.

PEDRO

Mas o que fiz eu para ser tratado assim?

JOSÉ

Tu, nada; mas tudo a tua boa fé.

PEDRO  
Meu Deus!

JOSÉ  
Eu tinha pena de ti. Mais de uma vez quis dizer-te tudo; mas recuava sempre, porque temia que não me acreditasses...

PEDRO  
Acreditava, sim. Que necessidade tinhas tu de levantar uma calúnia?

JOSÉ  
Pedro, agora tenho um pedido a fazer-te.

PEDRO  
O que é?

JOSÉ  
Peço-te que não me odeies.

PEDRO  
Odiar-te, por quê?

JOSÉ  
Pelo que acabei de dizer-te... Embora a minha consciência tranquila diga que cumpri o meu dever, sei que te ofendi.

PEDRO  
Não te odeio por isso, José. Agradeço-te até, do íntimo da alma, o serviço que me prestaste. Se não foras tu, eu continuaria a viver iludido. Tu me abriste os olhos, salvaste-me talvez de um abismo, e eu te agradeço.

JOSÉ  
Coragem! Coração à larga, meu amigo!... Mulheres não faltam. Mostra-te alegre, feliz, satisfeito...



PEDRO (*pensativo*)

Sim... é isso...

JOSÉ

Bem. Agora deixo-te. Vou trabalhar. Não quero que o mestre torne a chamar-me vadio. Hei de evitar o mais possível as suas repreensões.

PEDRO

Até logo, José.

JOSÉ (*à parte*)

Veremos quem vence! (*Alto*) Vamos para a oficina, Pedro. O trabalho e os nossos companheiros farão com que esqueças as tuas mágoas. Não quero ver-te assim... Nunca me esquecerei que foram os teus conselhos que me arredaram do mau caminho que eu seguia... Se Maria te vir com essa tristeza estampada no rosto, há de rir-se à tua custa, e com razão. Vamos.

PEDRO

Vai. Já te sigo.

JOSÉ

Lá te espero. Coração à larga. O tempo fará o resto. (*Sai*)

### CENA III

PEDRO

Que esperança me resta agora?... Esperança!... Castelo de areia, o vento da adversidade fê-lo cair em ruínas!... Pobre filho da desgraça, volto de novo ao pó de onde um momento me ergui, querendo ser um homem um momento... Foi um sonho que passou... Está acabado!... Vamos trabalhar!... (*Maria entra pela direita*) Ah! (*Vai sair pelo fundo*)

### CENA IV

*Pedro e Maria.*

MARIA (*parando à porta, com profunda tristeza*)

Retira-se?

PEDRO

Sou necessário na oficina, e não posso demorar-me. (*Saída falsa*)

MARIA

Ou é a minha presença que o torna necessário na oficina? É injusto para comigo, Pedro. Que lhe fiz eu, para proceder assim?

PEDRO (*descendo*)

Nada... O que podia fazer... O que se pode fazer a um desgraçado como eu?... Ludibriá-lo, escarnecê-lo, desprezá-lo?... É tão natural!... O que sou eu?... O que fui?... Um miserável que dormia nas pedras das ruas e pedia uma esmola para comer... uma pobre criatura, sem pai, sem mãe, sem irmãos, sem amigos... um átomo de areia, sobre quem todos assentavam o pé para esmagar... um lázaro, de quem todos fugiam com horror...

MARIA

Mas...

PEDRO

Um dia, houve um homem que teve compaixão do desgraçado, que se finava à míngua de carinhos e afeições. Esse homem levou-o para sua casa. Deu-lhe pão, agasalhou-o muito amor. O mísero pária encontrou uma família. Teve pai, teve mãe, teve irmã. Criou-se feliz e descuidoso no meio da abastança e da honra. Por se ver assim amado de todos, julgou-se um homem e cometeu a ousadia de amar a filha do seu protetor. Ela aceitou o seu amor e disse: — “Sou feliz!” — Mas, depois, sucedeu o que tinha de suceder. Em seu coração, o orgulho falou mais alto do que o amor, e ela, não querendo dizer ao desgraçado que já não o amava, valeu-se da hipocrisia, enganou-o, abusou vilmente da sua boa fé, do seu amor, da sua gratidão...

MARIA

Pedro!

PEDRO

E julgava a senhora que podia abusar da minha boa fé, que podia fazer um brinco do meu amor, sem que eu me revoltasse, sem que o meu brio reagisse?... Oh! não!... Na minha face ainda há pejo, ainda aqui palpita um coração!...

MARIA

Pedro!...

PEDRO

O que poderá dizer-me?... Que é falso o que avancei?... que nunca me iludiu?... que sempre me amou?...

MARIA

E então?...

PEDRO

E então... é que eu não a acredito...

MARIA

Não me acredita!...

PEDRO

Não... porque se acreditasse seria mais uma vez iludido, mais uma vez ludibriado pela sua hipocrisia!...

MARIA

Mas eu juro...

PEDRO

Oh! não jura! De que serviria jurar?... Seria um juramento falso como todos os outros... Supunha talvez a senhora que eu havia de ser cego toda a vida, mas enganou-se... Hoje vejo, vejo até de mais... Quer

uma prova... duas... três? (*Apontando pela janela*) Olhe: estou vendo daqui o bosque das Laranjeiras...

MARIA (*à parte*)  
Enlouqueceria ele?

PEDRO

No mais recôndito do bosque estão duas pessoas. Vejo-as daqui... Uma mulher e um homem... Ela está sentada na relva, com o olhar lânguido, o cabelo solto, o sorriso nos lábios trêmulos... Ele está de joelhos, com o olhar chamejante de paixão, os lábios sequiosos e ardentes... As cabeças dos dois aproximam-se... suspiraram... acariciam-se... Veja!... São dois amantes felizes aqueles!...

MARIA (*ofegante*)  
O que quer dizer, Pedro?

PEDRO

Nada... Quer saber os nomes daqueles dois amantes felizes?... (*Segurando-lhe nervosamente a mão*) Ele chama-se Jorge de Castro... ela...

MARIA (*ansiosa*)  
Ela...

PEDRO

Ela chama-se... Maria...

MARIA (*recuando*)

Eu!... Ah! quem lhe disse?... (*Altiva*) E pôde acreditar que eu praticasse semelhante infâmia?

PEDRO

Acreditei. Se durante tantos anos acreditei no bem, por que não hei de agora acreditar no mal?... (*Pausa*) O Sr. Jorge de Castro é rico, tem uma família ilustre. Eu sou pobre, e não conheci pai nem mãe... Quem foi meu pai? Quem foi minha mãe?... Talvez duas

opulências... talvez duas infâmias! Quem sabe?... Agora volto ao que fui: à lama de onde saí. A minha presença nesta casa é talvez um estorvo aos seus novos amores... Parto hoje... Não sei para onde... Mas em toda parte há um palmo de terra para o verme se arrastar!

MARIA

Deixa-nos... e meu pai?

PEDRO

Oh! não me fale nele, que me tira toda a coragem!... Seu pai é a única cadeia que me prende a esta casa... (*À parte*) A única! (*Alto*) Sinto rasgar-me o coração ao deixá-lo, talvez para nunca mais tornar a vê-lo... Mas o que hei de fazer? Ficar?... Não! nunca! Partir? É o meu dever, é o único recurso que me resta...

MARIA

E partirá?

PEDRO

Partirei! (*Sai*)

## CENA V

MARIA (*segue Pedro com a vista; depois, deixa-se cair numa cadeira, soluçando*) E não posso justificar-me... e não posso dizer-lhe: — “É falso! É uma calúnia infame que me levantam!” — Oh! mas isto é um inferno! Pois eu hei de consentir que pese sobre mim uma suspeita terrível, sem proferir uma palavra?... Hei de deixar que me apontem como uma mulher sem honra, sem brio, sem provar a minha inocência?... (*Pausa*) Oh! mas ele... ele... — “Segredo sobre o que acabo de fazer, — disse-me ele; se proferir uma palavra, juro que a vida de seu pai pagará a revelação!” — Oh! meu Deus! meu Deus! O que devo fazer?... Calar-me? E a minha honra de que duvidam?... Falar?... E a vida de meu pai?... (*Pausa*) Calar-me-ei... Que importa que duvidem da minha honra, que me condenem, se salvo meu pai à vingança daquele miserável? Oh! mas tudo quanto

tenho sofrido... todas as amarguras que me despedaçam a alma, ele há de sofrê-las também... hei de vê-lo... Oh! não! não, meu Deus! Perdoo-lhe... É o seu destino: nasceu para o mal, há de cumprir a sorte... E contudo, tenho pena dele... Estar só no mundo, sem pai, sem mãe, abandonado de todos como um maldito... deve ser... é horrível! Sim: que Deus se compadeça dele, e lhe dê de felicidades o que me tem ele dado de amarguras!... (*Senta-se, chorando*)

## CENA VI

*Maria e José.*

JOSÉ (*à parte, ao fundo*)

Chora!... É bem que pagues com lágrimas o que me tens feito sofrer!...

MARIA (*sem vê-lo*)

E ele duvidou do meu amor!

JOSÉ (*à parte*)

E há de duvidar sempre, porque eu assim o quero! (*Descendo*) Chora!

MARIA (*erguendo-se*)

Ah! o senhor!...

JOSÉ (*sorrindo*)

Sou eu. Assusta-a por acaso a minha presença?...

MARIA

Saia! O senhor é um miserável!

JOSÉ

Para que esses palavrões inúteis!... Sou infame?... Embora! Mas tenho-a fechada na mão. Se proferir uma palavra, cuidado com o miserável! Lembra-se do que eu disse: — “Se proferir uma palavra, a vida de seu pai pagará a revelação!” — Experimente. Diga uma

palavra, uma só, e verá se eu sei ou não cumprir os meus juramentos!

MARIA

Mas que mal lhe fez meu pai, que mal lhe fiz eu, para tratar-nos assim?

JOSÉ

Que mal? Como! Pois já se esqueceu das repreensões, dos insultos que de seu pai sofri? Já se não lembra do desprezo que mostrou quando lhe declarei que a amava! E não queria que me vingasse?... Oh! seria preciso que eu não tivesse coração! Tenho sofrido muito; mas hei de fazê-los sofrer dobradamente. Dirá que sou mau, que sou perverso. Podia ser bom, se me tivesse atendido, se me tivesse amado... Eu vivia em um inferno: o seu amor ter-me-ia sido a salvação. Compreende?

MARIA

Mas eu não podia amá-lo...

JOSÉ

Porque amava outro. Mas esse outro não precisava do seu amor, porque era feliz, enquanto que eu...

MARIA

O ódio cega-o, José. Quando me declarou o seu amor, lembre-se que eu lhe disse: — “Não há quem possa dizer: — eu quero amar — porque o amor nasce espontâneo no coração” — Como podia eu amá-lo, se o meu coração amava Pedro?

JOSÉ

Não vim aqui para movê-la à compaixão, para que tivesse piedade de mim; vim simplesmente para lembrar-lhe o meu juramento. Sei que está pura e virgem, mas para a minha vingança é necessário que não o esteja.

MARIA

Oh! mas isso é uma calúnia! uma calúnia infame!

JOSÉ

Que importa? Quando um homem como eu quer vingar-se, lança mão de todos os meios, mesmo os mais ignóbeis...

MARIA

Miserável!

JOSÉ

Sabe que lutamos como dois leões no bosque das Laranjeiras; que mais de uma vez a tive subjugada e que mais de uma vez a senhora começou a luta. Por fim, faltaram-lhe as forças: tentou ainda um momento repelir-me, mas em vão... Desmaiou...

MARIA

Oh! cale-se! cale-se!

JOSÉ

O mau triunfava finalmente! Ia ser minha!... De repente ouço vozes na estrada... tenho medo que ouçam os seus gemidos... Vejo perdido o meu triunfo... Escrevo a lápis em uma tira de papel as seguintes palavras: — “Saiu pura de casa, mas voltará desonrada.” — Prego com um espinho a tira de papel ao seu vestido, para que o vento não a levasse, e oculto-me...

MARIA

Basta!

JOSÉ

Um momento depois estava a senhora rodeada de homens, atraídos pelos seus gemidos; — eram os operários da oficina de seu pai. Conduziam-na nos braços para a casa. Saí do lugar onde me ocultara e segui-os de longe. Assisti ao desespero de seu pai, à dor de Pedro, à mágoa desoladora dos operários. E eu sorria à vista daquele sofrimento todo. Estava vingado. Agora, de novo imponho-lhe silêncio, lembrando-lhe que a vida de seu pai está nas minhas



mãos. Se quiser falar, pode falar, mas fique convencida de que o resultado da sua indiscrição o ser-lhe-á fatal...

MARIA

Ah! que se não fosse meu pai, eu apontá-lo-ia como um miserável, indigno de compaixão!

JOSÉ (*frio*)

E o que lucraria com isso?

MARIA

Calar-me-ei, mas não suponha que o domínio que sobre mim exerce fará com que eu o ame, não, porque lhe tenho ódio de morte...

JOSÉ

Muitas vezes os grandes ódios transformam-se em grandes amores. Tem-se visto disso. Além de que, eu não tenho pressa. Esperarei. O que não pode ser hoje, será amanhã...

MARIA

Miserável! Nunca!

JOSÉ

Quem sabe?... Pode a senhora adivinhar o futuro?...

MARIA

Nunca, repito! Antes mil vezes a morte, do que amá-lo um momento só!

JOSÉ

Não me ofende a sua franqueza, pelo contrário: dá-me grandes esperanças...

MARIA

Continue a vingar-se, a desesperar-me, a acabrunhar meu pai... Mas olhe: Deus, que nos vê, não há de deixar impune o mau!

JOSÉ

Ora! Deus! Deus não se ocupa com as misérias deste mundo! Vou trabalhar. Quero ser um operário exemplar, porque estou com as minhas tensões ao lugar de contramestre. Reflita e depois proceda.

MARIA

Não tenho que refletir, e o meu procedimento já está traçado: hei de odiá-lo sempre!

JOSÉ

Odeie. Já disse que os grandes ódios transformam-se muitas vezes em grandes amores. O seu ódio não me fere. Prefiro ser odiado a ser desprezado. O desprezo esmaga: o ódio excita à vingança, e a vingança é um prazer para maus, como eu sou. Odeie. Algum dia amar-me-á. (*Sai*)

## CENA VII

MARIA (*levando as mãos à frente e caindo numa cadeira, afogada em soluços*)

Oh! Meu Deus! meu Deus!...

## CENA VIII

*Maria e Manoel.*

MANOEL

Sempre assim; minha filha! sempre assim!

MARIA (*abraçando-o*)

Meu avô!

MANOEL

Minha pobre filha, por que te obstinas em guardar silêncio?... Por que não dizes o nome do miserável, Maria?...

MARIA  
Meu avô...

MANOEL  
Não foste tu que erraste; foi a violência que te fez errar. Para mim, és sempre a minha neta querida, a minha neta virgem e pura de outros tempos...

MARIA (*à parte*)  
E ele acreditou também!... Que suplício, meu Deus!

MANOEL  
Teu pai ama-te como teu amou sempre; Pedro...

MARIA  
Pedro odeia-me, meu avô!...

MANOEL  
Odiar-te? Por quê?

MARIA  
E não tem ele razão? Não era eu a sua noiva? Não era eu o seu único amor neste mundo? Veja como ele anda: — triste, pensativo, acabrunhado, pálido... Quem sabe que abismo de amarguras lhe não vai pelo coração!... Oh! meu querido avô, para que viver assim? Antes Deus se compadecesse da desgraça levando-a para si...

MANOEL (*recebendo-a nos braços*)  
Cala-te! Coragem, filha!... Estava-te reservado este martírio: sofre-o com resignação!

(*Ficam abraçados*)

## CENA IX

*Os mesmos, e Antônio.*

ANTÔNIO (*aparece ao fundo e para ao ver o grupo*)  
Pobre filha!... Ah! se eu conhecesse miserável!... (*Desce*)

MARIA  
Meu pai!

ANTÔNIO  
Ora vamos... Para que lágrimas, Maria? Coração à larga, minha filha. Está lá em cima quem nos há de vingar... Olha: agora, quando vinha passando pelo bosque das laranjeiras, sabes que ideia tive?

(*José aparece ao fundo*)

MARIA  
Que ideia, meu pai?...

ANTÔNIO  
Que o homem que te reduziu a este estado foi José...

JOSÉ (*à parte*)  
Ah!

MARIA (*estremecendo*)  
Oh! não, não, meu pai!

MANOEL (*à parte, pensativo*)  
José... Quem sabe?

ANTÔNIO  
Como afirmas que não foi José, se sempre disseste que não tinhas visto esse homem?

MARIA  
Mas... sim... mas garanto que não foi ele...

ANTÔNIO  
Quem foi então?...

MARIA

Não sei... Meu avô, peça-lhe que não me faça mais perguntas.

ANTÔNIO

Que interesse tens em ocultar um segredo que tanto mal te faz?  
Quem foi esse?...

### CENA X

*Os mesmos e José.*

JOSÉ (*descendo*)

Mestre!...

MARIA (*estremecendo e abraçando-se com o pai*)

Meu pai!...

### ATO IV

*A mesma vista.*

### CENA I

JOSÉ (*entra, cautelosamente, pelo fundo, vai a todas as portas, olha para dentro e dirige-se depois para a janela*)

Psiu! psiu!... (*Desce*) Tenho esta ideia a fervilhar-me na cabeça há mais de quinze dias. Sempre desconfiei que o bastardo tinha dinheiro guardado... Ora, um homem que paga uma dívida alheia de três contos de réis, é porque tem dinheiro...

### CENA II

*José e Anselmo.*

ANSELMO (*à porta, misterioso*)

Pode-se entrar?

JOSÉ

Entre. A ocasião é ótima. Estão jantando.

ANSELMO (*sempre misterioso*)

Muito bem! muito bem! Então podemos falar.

JOSÉ

Sim; mas baixo, para não sermos ouvidos.

ANSELMO

Está claro. Eu cá sou muito prudente.

JOSÉ

Sei disso, porque não é de hoje que o conheço como um grandíssimo velhaco.

ANSELMO

Bondade... bondade... (*Batendo-lhe no ventre*) Ah! maganão! Chama, chama, antes que te chamem... (*Outro tom*) Pois, meu amiguinho, estamos servidos.

JOSÉ

Estamos?

ANSELMO

Sem dúvida, sem dúvida. Eu cá não meto prego sem estopa. Com franqueza: o amiguinho não goza de muito boa fama aqui... e em toda parte... Não me agradeça. Isto não é elogio, não; é a verdade. Ora, quando À outra noite foi procurar-me e me apresentou um molde de fechadura, pedindo-me que lhe arranjasse uma chave, eu disse logo com os meus botões: — “O marreco quer fazer alguma brejeirada” ... –

JOSÉ  
Mas...

ANSELMO

Vamos lá, vamos lá... E continuei: — “A tal chavezinha há de ser provavelmente para abrir alguma gaveta do patrão, ou coisa assim”... –

JOSÉ  
Senhor Anselmo!

ANSELMO

Não me agradeça o bom juízo que faço da sua honrada pessoa... E conclui o meu raciocínio: — “Ora, desde que eu empresto a ferramenta para a operação, é bem que...”

JOSÉ  
A chave é para abrir um baú meu.

ANSELMO

Hein?... Não pega! Ora, se a chave fosse para abrir um baú seu, não iria pedir-me, mas compraria uma fechadura nova e quebraria a velha. É natural... é natural... Sabe o que eu sou de segredo. Por que não me conta tudo?...

JOSÉ  
Porque nada tenho a contar-lhe. Creio que é também natural.

ANSELMO

Não é natural, não... Está bom: não vai a zangar. Olhe: com mentiras não arranja nada... O amiguinho não ignora que eu não sou ferreiro nem ferragista... Vivo das minhas economiazinhas e dos miseráveis juro de um dinheirinho que empresto...

JOSÉ  
Miseráveis juro! Eu que o diga. Cinquenta por cento de desconto sobre cada empréstimo! Uma ladroeira!

ANSELMO

Seja. Isso são contas do meu rosário, e não do seu. Se quer iniciar-me no segredo, muito bem; *sine qua, non...* (*Mostrando uma chave*) A chave está aqui.

JOSÉ

Mas eu não tenho segredos...

ANSELMO

Continua a negar?... Adeusinho. Nada temos feito. (*Sáida falsa*)

JOSÉ

Pois bem... sim... essa chave é para abrir um baú... o baú de Pedro... Desconfio que lá dentro há dinheiro...

ANSELMO (*descendo*)

Hein?... Mas por que é que desconfia?...

JOSÉ

Porque Pedro pagou há dias uma dívida do mestre na importância de três contos de réis...

ANSELMO

Upa!... Três contos de réis! Mas então o ninho deve estar vazio... O credor do mestre comeu os ovos que lá estavam em choco...

JOSÉ

Não. Está enganado... Sei que ainda há dinheiro.

ANSELMO

Tem certeza?

JOSÉ

Tenho.

ANSELMO



Pois bem: cedo-lhe a chave, mas com a condição de dar-me metade...

JOSÉ

Mas isso... é um roubo!

ANSELMO

He! he! he! Que ingenuidade!... Ora, um roubo! E o que vai o amiguinho fazer?...

JOSÉ

Pode guardar a sua chave... guarde-a. Arranjarei outra.

ANSELMO

Hein?... Mais devagar... Se o baú não foi aberto com a minha chave, não será com outra.

JOSÉ

Denuncia-me, não?

ANSELMO

Está claro... Eu cá sou um homem honrado, e não quero ser cúmplice de ladroeiros...

JOSÉ (*à parte*)

Ah! se eu pudesse estrangular-te!

ANSELMO

E é decidir; porque estou com pressa.

JOSÉ

Dê-me a chave, Sr. Anselmo. Terá a metade...

ANSELMO

Muito bem. Assim é que se trata entre gente honesta como nós nos prezamos ser. Mas quem me garante que o amigo me dará a metade, se eu não assistir à extração?

JOSÉ  
Pode assistir.

ANSELMO  
Quando?

JOSÉ  
Já.

ANSELMO  
Hein?... De dia? E não há perigo?

JOSÉ  
Não.

ANSELMO  
Onde é o quarto?

JOSÉ  
Na oficina.

ANSELMO  
E os operários?

JOSÉ  
Foram jantar.

ANSELMO  
Mas não há perigo?

JOSÉ  
Já disse que não. Dê-me a chave.

ANSELMO  
Enfim... Mas olhe: traga-me outra vez... Esta chave é do meu cofrezinho e... (*Mostrando*) Tem aqui deste lado gravado o meu nome. Veja...

JOSÉ

É verdade... (*Lendo*) "Anselmo Gil." — Para que mandou gravar o seu nome nesta chave?

ANSELMO

Para, dado o caso de perdê-la, saberem logo a quem pertence, e entregarem-me.

JOSÉ

Tive uma ideia luminosa, muito luminosa. (*Tomando-lhe a chave, à parte*) Muito luminosa... para mim!... (*Alto*) Vamos! (*Entra na oficina*)

### CENA III

ANSELMO (*ao fundo, falando para dentro*)

Vamos... mais ligeiro... Dessa maneira, apanham o amiguinho com o focinho na botija... (*Pausa*) Serve?... Ande... Ao menor rumor, safo-me e deixo-o nos apuros... (*Pausa*) Entrou? Muito bem! muito bem! Parece que foi feita de propósito... Bravo!... Não acha nada? Uma carteira! Esplêndido! Ligeiro... ligeiro!

### CENA IV

*Anselmo e José.*

JOSÉ (*com uma carteira*)

Ei-la! (*Desce*)

ANSELMO (*seguindo-o*)

E terá miolo?

JOSÉ (*abrindo a carteira*)

Veja!

ANSELMO

Muito bem! Não fomos mal sucedidos.

JOSÉ

Vamos fazer a divisão. Mova-se!

ANSELMO

Aqui?

JOSÉ

Em sua casa. (*Sobe*)

ANSELMO

Pois vamos, vamos... (*Parando*) E a minha chave?

JOSÉ (*sorrindo*)

Esqueci-me de trazê-la.

ANSELMO (*com as mãos na cabeça*)

Ai! ai! ai! Agora como há de ser?

JOSÉ

Não sei... Arranje-se! (*Sai correndo*)

## CENA V

ANSELMO

Estou perdido... Uma chave com o meu nome, a chave do meu cofre. Ora, um homem honrado como eu, estar metido nestas coisas! Vou buscá-la. Se me pilham, estou morto... (*Dirige-se, cauteloso, para o fundo*)

PEDRO (*dentro*)

Vou ao meu quarto e já volto, mestre.

ANSELMO (*recuando, a tremer*)

Ah! fuja... Não há tempo a perder!... (*Sai correndo pela esquerda*)

## CENA VI

PEDRO (*entrando pela direita*)

Não posso mais viver nesta casa... É um martírio contínuo, sem tréguas... Vê-la todas as horas... a todos os instantes... E apesar de tudo, amo-a... Cada lágrima sua é uma tortura que sofro, cada soluço uma agonia que me dilacera a alma!... Vamos!... Irei para bem longe... para onde nunca mais possa vê-la...

## CENA VII

*Antônio e Pedro.*

ANTÔNIO

Uma palavra, Pedro.

PEDRO

Estou às suas ordens, mestre.

ANTÔNIO

Pedro, o teu casamento com Maria tornou-se impossível...

PEDRO

Mestre...

ANTÔNIO

Esse casamento prometia ser por demais feliz, para realizar-se. Criei-te como filho, e conheço-te.

PEDRO

Mestre, a minha continuação nesta casa, bem deve compreender, tornou-se impossível também...

ANTÔNIO

Impossível! Por quê?

PEDRO

Porque a minha presença é um martírio para Maria. Já sofre tanto, a infeliz, que é bem que lhe evitemos mais essa tortura... Fazia tenção de despedir-me hoje...

ANTÔNIO

Como! E para onde vais?...

PEDRO

Não sei ainda... Para qualquer parte. O destino me levará...

ANTÔNIO

Para que isso, Pedro?... (*Comovido*) Para quê? Pois não és tu meu filho? Onde devem estar os filhos senão na casa de seus pais? A tua presença não será um martírio para Maria; pelo contrário: ser-lhe-á uma consolação. Fica.

PEDRO

Não, mestre. Partirei.

ANTÔNIO

E eu então? E meu pai? Queres abandonar-nos na nossa velhice? queres deixar-nos entregues ao desespero? queres abrir-nos mais uma chaga no coração?

PEDRO (*comovido*)

Mestre!...

ANTÔNIO

Oh! como são ingratos estes filhos! Justamente quando mais deles precisamos para nos consolarem no último quartel da vida, para nos darem alguns momentos de alegria nos últimos dias, deixam-nos sós, sem se compadecerem das nossas lágrimas, da nossa solidão... Para que queres partir, Pedro?...

PEDRO

Mas é necessário, mestre... é necessário.

ANTÔNIO

Pois bem; parte! (*Senta-se à mesa e escreve, entregando depois o papel a Pedro*) Toma... vai... Tu és um ingrato!... (*Chorando*) Um ingrato!

PEDRO (*sem ler*)

Mas para que é este papel, mestre?

ANTÔNIO

É um documento. Já não te lembras que te devo três contos de réis?

PEDRO

Ah! mestre, nem sabe o mal que me faz! (*Atirando o papel sobre a mesa*) Por acaso pedi eu este papel? Exigi alguma clareza?

ANTÔNIO

Não. Mas desde que tens coragem para deixar-nos, terás coragem para um dia nos vires tirar o pão... E para isso é necessário que tenhas um documento qualquer... Agora, vai... Tu já não és meu filho: és um ingrato!

PEDRO

O mestre nada me deve. Os três contos que lhe emprestei são o dote de Maria.

ANTÔNIO

Estou pobre, mas agradeço a esmola. Aceitá-la-ia, se ficasses aqui... Mas não queres ficar... A nossa companhia já te aborrece...

PEDRO (*à parte*)

O que fazer, meu Deus!

ANTÔNIO

Vai. O que esperas ainda? Cravaste-me o punhal no coração... agora queres assistir até à minha derradeira agonia?... não é assim?... Vai... vai, ingrato!... (*Caindo numa cadeira*) Ingrato!...

PEDRO  
Mestre!...

### CENA VIII

*Os mesmos, e Manoel.*

MANOEL  
Mas o que é isto?... Por que choras, Pedro?... E tu, Antônio?

ANTÔNIO  
Aborreceu-se de nós, o ingrato, e agora veio dizer-me que quer partir...

MANOEL  
Por quê?

PEDRO  
Porque assim é preciso... porque eu não posso mais viver aqui...

MANOEL  
Mas o que te fizemos nós? Em que te ofendemos?

PEDRO  
Ofensas!... Eu aqui só tenho recebido benefícios, Sr. Manoel... Quero partir porque... porque não posso ver Maria sofrer... porque amo-a muito!

### CENA IX

*Os mesmos e Maria.*

MARIA (*que pouco antes tem aparecido à direita, à parte*)  
Meu Deus! E não pode falar... (*Descendo*) Obrigada, Pedro, obrigada!... Faz bem em compadecer-se de mim!...



MANOEL

Mas ele quer partir, filha... quer deixar-nos...

MARIA (*recuando*)

Quer deixar-nos!... (*Naturalmente*) Está no seu direito.

ANTÔNIO

Mas é um ingrato, Maria!...

MARIA

Os ingratos são tantos, meu pai!

MANOEL (*em tom súplice*)

Pedro!

PEDRO (*olha para todos os lados, vai à mesa, toma o papel, desce ao meio da cena e rompe-o. Com explosão*)

Oh! não! não partirei!... Maria é minha irmã, e eu devo ficar para vingá-la!... Dá-me um abraço, minha irmã!... Coragem!... Juro pelos martírios que tens sofrido, que hei de vingar-te!

ANTÔNIO

Então, ficas?

PEDRO

Fico, meu pai.

ANTÔNIO

Mas guarda o documento.

PEDRO (*mostrando os pedaços do papel*)

Olhe!

ANTÔNIO

Rompeste?

PEDRO

Rompi, porque nada me deve.

ANTÔNIO (*abraçando-o*)

Tu tens um grande coração, meu filho! Serás feliz!

PEDRO

Então, já não me chama ingrato?

MANOEL

Ingrato? Tu és a pérola dos homens de bem...

## CENA X

*Os mesmos e João.*

JOSÉ

Boa tarde, mestre.

ANTÔNIO

Boa tarde, José. O que queres?

JOSÉ

Venho dizer ao mestre que conclui antes de ir jantar a tarefa que me distribuiu. Espero que o mestre mande Pedro distribuir-me outra.

ANTÔNIO

Estás de uma atividade espantosa, José!

JOSÉ

O que quer o mestre?... Nem sempre se há de ser vadio. Jurei corrigir-me, e creio que...

ANTÔNIO

És um operário exemplar, não há dúvida. Bem. Podes retirar-te. Pedro já lá vai.

JOSÉ

Sim, mestre. (*Saindo, à parte*) É preciso iludi-los... (*Entra na oficina*)

## CENA XI

*Antônio, Pedro, Maria e Manoel.*

ANTÔNIO

Causa-me admiração esta súbita mudança de José.

MANOEL

O arrependimento salva.

MARIA

E crê que ele esteja arrependido, meu avô?

MANOEL

Creio. Por que não hei de crer?

ANTÔNIO

Quem sabe? José era um mau homem, desrespeitoso, vadio. Não posso compreender como de um momento para outro transformou-se a tal ponto. Pedro, creio que é necessário estar prevenido.

PEDRO

Estarei, mestre. Se o seu arrependimento é verdadeiro, Deus nos perdoará o mau juízo. Se é um meio de que se serve para enganar-nos...

MARIA (*à parte*)

Medita algum novo crime...

PEDRO

Com licença, mestre. (*Sai*)

## CENA XII

*Antônio, Maria e Manoel.*

ANTÔNIO

Vamos nós trabalhar também. A ociosidade é mãe de todos os vícios.

MARIA

E eu que ainda não conclui a toalha para o altar de Nossa Senhora das Dores...

MANOEL

Concluirás quando puderes. No teu estado de saúde, deves ter descanso, minha filha.

MARIA

Mas se eu nada sinto, meu avô. Estou perfeitamente boa.

MANOEL

E essa palidez... essa tristeza?

MARIA

Esta palidez... esta tristeza...

ANTÔNIO

Ora vamos. Para que toldar mais o céu, quando podemos tirar-lhe algumas nuvens?... O passado, passado. O que de melhor podemos fazer, é esquecê-lo...

MARIA

Esquecê-lo!

ANTÔNIO

Pois então?...

MARIA

Mas é que eu não posso esquecer, meu pai!

ANTÔNIO

Ora, é um esforço, e basta. Vamos trabalhar. O trabalho é uma consolação.

MARIA

Fica, meu avô?

MANOEL

Nada. Vou também.

MARIA (*sorrindo*)

Trabalhar?

MANOEL

Ah! se eu pudesse...

(*Saem*)

### CENA XIII

JOSÉ (*entrando pelo fundo*)

Preparei tudo com mão de mestre. A chave lá está ainda, e aquela chave é a minha salvação. Deixei-a propositalmente. (*Tirando a carteira do bolso e batendo-lhe em cima*) Dois contos e quinhentos mil réis... Para uma primeira experiência, já é alguma coisa... (*Guarda a carteira*) Tremi ao abrir o baú... tremi ao tirar a carteira... tremi ao sair do quarto... Tive medo... Se era a primeira vez!... Estes receios estúpidos perdem-se com a continuação... Hei de perdê-los... E queria aquele idiota que eu dividisse o dinheiro! Que venha para cá!...

### CENA XIV

*José e Anselmo.*

ANSELMO (*que, sem ser visto por José, tem entrado cautelosamente a olhar para todos os lados, batendo-lhe no ombro*)

O meu dinheiro!

JOSÉ (*dando um salto*)

Hein?... (*À parte*) Temo-lo outra vez! (*Alto*) Que dinheiro?

ANSELMO

O dinheiro do roubo.

JOSÉ

O senhor está sonhando! Pois eu sei lá disso?

ANSELMO

Vamos: nada de hipocrisias nem de subterfúgios. Quero já e já o meu dinheiro!

JOSÉ (*rindo*)

E a chave... Não a quer também?...

ANSELMO

A chave! A minha rica chavezinha!... Oh! perdoo-lhe tudo, com tanto que m'a restitua.

JOSÉ

E pensa o amiguinho que a deixei no baú por esquecimento?

ANSELMO

Então por que foi?

JOSÉ

Deixei-a muito propositalmente. Aquela chave tem o seu nome e serve otimamente para afastar suspeitas...

ANSELMO (*avançando*)

Ah! miserável! Quer perder-me!

JOSÉ (*recuando*)

Morrer por morrer — morra o senhor que é mais velho. Agora, é deixar que as coisas sigam o seu curso. Se o amigo for falado, prometo ir todos os dias visitá-lo à cadeia.

ANSELMO (*com as mãos na cabeça*)

Estou perdido! Estou perdido!

JOSÉ

Agüente-se! (*Rumor na oficina*)

ANSELMO

O que é isso?

JOSÉ

Pouca coisa. É o dono do baú que... achou a sua chave.

ANSELMO (*caindo numa cadeira*)

Ah! o meu nome! o meu nome!

PEDRO (*dentro*)

Roubado! Roubado!

JOSÉ

Fuja! Se Pedro o encontra aqui, esmaga-o!...

ANSELMO (*erguendo-se*)

Mas eu não sou o verdadeiro culpado!...

JOSÉ

Não sei. O que fala a verdade é a chave.

ANSELMO

Perdido! perdido!... Ah! quisesse perder-me, miserável!... Mas hei de vingar-me! (*Sai*)

## CENA XV

JOSÉ (*indo até a porta por onde Anselmo saiu e voltando*)  
Estou salvo! Digam, se são capazes, que o ladrão sou eu!...

## CENA XVI

*José e Pedro.*

PEDRO

Roubado! Estou roubado! (*Atira a chave ao chão*)

JOSÉ

Roubado? Como? (*Apanha a chave e examina-a*) Coragem, Pedro. Eu conheço o ladrão.

PEDRO

Conheces?... Quem é?...

JOSÉ

O Anselmo Gil.

PEDRO

Anselmo? Como sabes?...

JOSÉ (*mostrando a chave*)

Eis a prova. Além de que, vi-o entrar e sair daqui há talvez meia hora.

PEDRO

Mas como podia ele saber?

JOSÉ

Isso é que eu não sei...

PEDRO

Não, não é possível. Anselmo é um agiota, mas não é um ladrão... Sem dúvida, roubaram-lhe a chave... Não, o ladrão não é ele.



JOSÉ  
Quem é então?

## CENA XVII

*Os mesmos, Anselmo e dois polícias.*

ANSELMO (*aparece à porta, onde deixa os polícias, desce e bate no ombro de José*)  
Ladrão!

JOSÉ (*recuando assustado*)  
O que diz?

PEDRO  
Ele?

ANSELMO  
Onde é que está a minha chave, a chave que me roubaste? Vamos? responde?... Se queres guardar silêncio, está ali à porta quem pode obrigar-te a falar.

JOSÉ (*aniquilado, à parte*)  
Maldito!

PEDRO  
Então foste tu, miserável! E andavas aqui fazendo de homem de bem!

JOSÉ  
O Senhor está louco?

ANSELMO (*a Pedro*)  
Quanto tinha o senhor?

PEDRO

Dois contos e quinhentos mil réis em uma carteira preta.

ANSELMO (*aos soldados*)

Revistem este homem. (*Os soldados avançam*)

JOSÉ (*recuando*)

Revistar-me! a mim!... Não consinto!... É uma infâmia!... Eu não roubei coisa alguma!...

### CENA XVIII

*Os mesmos e João.*

JOÃO (*vai entrar pelo fundo, mas, ao ouvir as palavras de José e ao ver os soldados, volta-se para dentro, gritando*)

Rapazes! rapazes!... Depressa! Temos ladrão em casa!

ANSELMO

Esse medo depõe contra a sua inocência. Se nada roubou, deixe-se revistar. (*Aos soldados*) Revistem-no!

(*Os soldados seguram José. — Entram todos os operários e formam grupo*)

### CENA XIX

*Os mesmos e operários.*

JOSÉ (*lutando*)

Deixem-me!... Deixem-me!...

(*Trava-se a luta. — Um dos soldados tira do bolso de José a carteira, que entrega a Anselmo*)

TODOS

Ah!

JOÃO (*aos operários*)

Um ladrão! Estão vendo?...

ANSELMO (*dando a carteira a Pedro*)  
É esta?

PEDRO (*abrindo para verificar*)  
É.

ANSELMO (*aos soldados*)  
Levem-no. Cadeia com o marreco!

(*Os soldados conduzem José*)

JOSÉ (*lutando*)  
Miseráveis! miseráveis!... Hei de vingar-me!... (*Sai. — Anselmo segue-o*)

## CENA XX

*Pedro, João e operários,*

PEDRO  
Viram, meus amigos?... Era um ladrão! E eu que pensava tê-lo salvo do abismo!...

JOÃO  
O mestre sempre dizia que aquele canalha havia de acabar mal!

## CENA XXI

*Os mesmos, Antônio, Manoel e Maria.*

ANTÔNIO  
José! José!...

JOÃO  
É inútil chamá-lo, mestre. O canalha do José está preso.

ANTÔNIO

Preso!

MANOEL (*ao mesmo tempo*)

Preso!

MARIA (*ao mesmo tempo*)

Preso!

JOÃO

E preso por ladrão! (*Aos operários*) Não é verdade, rapazes?

OS OPERÁRIOS (*à uma voz*)

Sim, sim! por ladrão!

MARIA (*adiantando-se, com um grito de alegria*)

Ah! então posso falar!

ANTÔNIO

O que tens a dizer?...

MARIA

Tenho a dizer, meu pai, que estou inocente, que estou pura... que esse miserável caluniou-me infamemente!...

ANTÔNIO

Que dizes?...

MANOEL

Minha filha!

PEDRO

Ah!

MARIA

Se há mais tempo não fiz esta revelação, foi porque José jurou que o mataria se eu dissesse uma palavra, meu pai!... (*Ajoelhando ante o pai*)  
Meu pai, juro pela memória de minha mãe, que fui caluniada!

ANTÔNIO

Basta, filha! Creio. (*Recebe-a nos braços*)

MANOEL

Dá-me um beijo, filha! (*Beija-a*)

MARIA (*timidamente*)

E tu, Pedro?...

PEDRO (*beijando-lhe a mão*)

Eu... adoro-te!

JOÃO

Mestre, os operários honrados saúdam o mestre honrado, e não tendo mais para oferecer-lhe no dia em que foi desta casa expulso o infame, e nela entrou de novo a felicidade, cantam em seu louvor o hino do trabalho!

(*Os operários, em duas alas, cantam o coro do 1º ato. — Todos repetem o canto. — Desce o pano*)



**Iba Mendes Editor Digital**

**www.poeteiro.com**